

cia onde ele vivia é enorme”, frisa. Nos quatro anos em terras lusitanas, estudando sempre em escola pública, Pedro já fala inglês e francês e está tendo as primeiras aulas de espanhol. “O convívio com garotos de todas as partes do mundo tem permitido ao meu neto conhecer uma diversidade cultural impressionante. Certamente, todo esse conhecimento fará muita diferença quando ele estiver adulto, entrando no mercado de trabalho”, emenda.

Elisa, como gosta de ser chamada, reconhece, porém, a dureza da vida para quem é imigrante em Portugal. Há dois anos, quando chegou no país, mal tinha dinheiro para comer. O jeito que encontrou para garantir comida e moradia sem precisar gastar o pouco que tinha foi se empregar como cuidadora em uma casa na Trafaria, zona portuária de Almada, para cuidar de uma idosa de 94 anos. “Ficava de segunda à sexta na casa dessa senhora e, aos fins de semana, ia para a casa do meu filho”, relata. Como o dinheiro era curto e ela tinha de economizar ao máximo, caminhava por duas horas do emprego até chegar onde o filho morava.

Dois anos se passaram, e Elisa hoje dirige o próprio carro, comprado graças ao trabalho extra que faz como diarista. Para ela, não há sábado nem domingo se tiver um trabalho que vá lhe garantir um reforço no orçamento. “Tem de suar muito para manter o sustento. Não estou a passeio em Portugal. Quero viver neste país e ter uma vida digna”, reforça. “É tão bom chegar ao final do mês com as contas pagas, num local seguro, onde posso andar pelas ruas, a pé ou de carro, sem ter preocupação com a violência. É um ganho e tanto”, diz.

Para a empresária Sílvia Caetano, 67, é a sensação de segurança que a mantém firme em Portugal. “Moro em um bairro bem popular de Lisboa, a Mouraria, e nunca tive nada que pudesse me fazer medo. Saio às ruas a qualquer hora da noite e me sinto segura. Por isso, para mim, o Brasil funciona para turismo, para ver meu filho, que continua morando no país, e meus amigos. O lugar que escolhi para viver é Portugal e vou continuar aqui por muitos anos”, assinala ela, que se diz muito bem recebida pelos portugueses, apesar do jeito fechadão que muitos têm até como instrumento de autodefesa.

Sílvia decidiu montar base em Lisboa em 2005, quando abriu um escritório para prospectar negócios para a sua empresa, a Light Design, especializada em iluminação. Apesar do renome de sua companhia no Brasil, cortou um dobrado para convencer os empresários locais a fazerem parceiras com ela. “De início, houve preconceito por sermos uma empresa brasileira,



**Sílvia Caetano, empresária brasileira que montou escritório em Lisboa**



**Alexson e Alisson Silva, donos de uma empresa de transporte e segurança**

por ter uma mulher à frente e por atuar em um setor altamente machista, o da construção civil”, relembra. Mas a perseverança compensou. As operações em Portugal representam parte importante do grupo. “Houve preconceitos, mas creio que mais em relação à empresa do que em relação a mim, particularmente. Minha situação é privilegiada, sem as dificuldades que a maioria dos brasileiros enfrentam quando chegam a Portugal”, reconhece.

## Respeito à cultura local

Os gêmeos Alisson e Alexson Silva, 35, até tentaram voltar para o Brasil, acreditando que Portugal, onde chegaram com apenas 16 anos, fosse apenas uma passagem transitória. Em 2013, fizeram as malas e retornaram a Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte, cidade em que nasceram. Ao longo de três anos, tentaram de tudo para refazer os vínculos com familiares e amigos, mas não houve jeito. À medida que o tempo ia passando, o desapontamento aumentava e as inevitáveis comparações surgiram. Estava claro que sentiam falta de tudo de Portugal: da comida, da segurança, da vida tranquila.

Os adolescentes foram levados para Portugal pelo irmão mais velho, Anderson, que havia cruzado o Atlântico em 1998. “Foi um porto seguro para nós, dois meninos. Assim que chegamos, fomos trabalhar em restaurantes e estudar. A adaptação foi mais tranquila que nós pensávamos”, afirma Alisson. Logo depois, a mãe dos garotos e o restante da família tomaram o mesmo rumo. “Assim, tudo ficou mais fácil”, complementa Alexson. Hoje, os irmãos são donos de uma empresa de transporte executivo e de segurança pessoal. No entender deles, tudo os estimula a ficar no país, a começar pela segurança e educação de qualidade para os filhos. E, claro, o fato de estarem inseridos na União Europeia.

“Acredito que todos os brasileiros deveriam ter a oportunidade de passar pelo menos um ano na Europa para ver o quanto é bom. Como faz a diferença o Estado de bem-estar social”, ressalta Alexson, que tem duas filhas — Gabriela, 9, e Valentina, 6. “Além disso, são tantas culturas e muitos os aprendizados.” Alisson, pai de Davi, 9, e Helena, de apenas três meses, afirma que a família procura usufruir do melhor que há em Portugal, sempre, claro, respeitando a cultura e o jeito de ser dos portugueses. “Meu filho viajou de férias para o Brasil em 2020 e voltou dizendo que não quer retornar tão cedo. É uma decisão dele.”